



Temporalidades cruzadas: História, projetos e práticas sociais na cidade contemporânea*

Denise B. Pinheiro Machado, José Amir Farias Filho,
Claudia Damasceno Fonseca

Denise B. PINHEIRO MACHADO

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; PROURB – Programa de Pós-graduação em Urbanismo da FAU/UFRJ; denisepm10@gmail.com

José ALMIR FARIAS

Universidade Federal do Ceará; Departamento de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Design (PPGAU+D); Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas (PPGAPP); almirfarias@ufc.br

Claudia Damasceno FONSECA

Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS); mestrado e doutorado interdisciplinar "Territoires, espaces, Sociétés"; claudia.damasceno@ehess.fr

PINHEIRO MACHADO, Denise B.; ALMIR FARIAS, José; FONSECA, Claudia Damasceno. Temporalidades cruzadas: História, projetos e práticas sociais na cidade contemporânea. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, e 742, jun. 2026

data de submissão: 25/06/2026

data de aceite: 25/06/2026

DOI: 10.51924/revthesis.2025.v10.742

* Este dossiê é fruto do projeto de cooperação acadêmica CAPES/COFECUB (2024-2028), dedicado ao tema "Temporalidades cruzadas: história, projetos e práticas sociais na cidade contemporânea", que tem como parceiros o PROURB – Programa de Pós-graduação em Urbanismo da UFRJ e Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Design da UFC, do lado brasileiro; e a EHESS – École des Hautes Études en Sciences Sociales e o LAVUE – UMR 7218 CNRS, do lado francês. Coordenam este projeto as professoras Denise B. Pinheiro Machado (PROURB-UFRJ) e Cláudia Damasceno Fonseca (EHESS).

Contribuição de autoria: Concepção; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição: PINHEIRO MACHADO, D. B.; ALMIR FARIAS, J.; FONSECA, C. D.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não há conflito de interesse.

Financiamento: Projeto de cooperação acadêmica CAPES/COFECUB (2024-2028).

Editores responsáveis: Isis Pitanga e Rodrigo Scheeren.

O Dossiê **Temporalidades cruzadas: história, projetos e práticas sociais na cidade contemporânea** parte de uma questão persistente no campo dos estudos urbanos: como o tempo molda a cidade e como a cidade, por sua vez, organiza o tempo de quem a habita. Interessa compreender de que modo as temporalidades incidem sobre a configuração física, o funcionamento institucional e a experiência cotidiana nos espaços urbanos. Esse recorte impõe desafios teóricos e metodológicos que não se resolvem dentro de uma única tradição disciplinar. Por isso, a análise articula contribuições de distintos campos para tratar dos regimes temporais que atravessam o urbano, desde as durações longas da história até os ritmos fragmentados da vida individual. O objetivo é entender como o tempo é construído, vivido e representado em contextos variados, sem perder de vista as tensões entre essas diferentes camadas.

A temporalidade refere-se à natureza e à experiência do tempo. Trata-se de um conceito que ultrapassa sua dimensão física ou cronológica para abarcar os modos pelos quais indivíduos, grupos sociais e culturas interpretam, vivenciam e atribuem significados ao tempo (Fernandes, Trigal e Sposito, 2016). No campo dos estudos urbanos e do urbanismo, a discussão sobre as temporalidades vem adquirindo crescente relevância teórica e prática, especialmente por transitar entre fronteiras disciplinares que não pertencem exclusivamente à história. Em uma época marcada pela aceleração dos ritmos de vida, pelas transformações tecnológicas e pelas profundas mudanças sociais, culturais e ambientais, compreender como diferentes campos do conhecimento concebem as relações entre cidade e temporalidade torna-se fundamental para enfrentar os desafios urbanos contemporâneos.

A emergência dos mundos virtuais, a crescente digitalização da vida cotidiana e a disseminação da inteligência artificial vêm reconfigurando profundamente as experiências do tempo e do espaço nas cidades contemporâneas. Longe de produzir uma temporali-

dade homogênea, tais transformações parecem intensificar a coexistência de múltiplos ritmos, escalas e regimes temporais que se sobrepõem, se articulam e, frequentemente, entram em conflito. Nesse contexto, a cidade apresenta-se como um espaço privilegiado para a observação das temporalidades cruzadas que caracterizam a contemporaneidade, tornando-se simultaneamente palco e produto de diferentes experiências do tempo.

Essa reflexão ganha ainda mais pertinência diante do diagnóstico formulado por Han (2016; 2023), segundo o qual vivemos uma temporalidade em crise. Contrariamente às interpretações que associam o presente a uma simples aceleração contínua do tempo, o autor sugere que a contemporaneidade é atravessada por uma condição de dissincronia. O tempo atual seria marcado pela coexistência fragmentada de temporalidades atomizadas, sem uma direção comum, uma ordem compartilhada ou uma narrativa capaz de conferir sentido e continuidade à experiência coletiva. A multiplicação de temporalidades, nesse sentido, constitui não apenas uma característica do presente, mas também um dos principais desafios para sua compreensão.

Para o urbanismo, o tempo e suas múltiplas manifestações oferecem novas formas de problematizar a cidade e seus processos. Estudos sobre os ritmos urbanos de Lefebvre (1992), a dromologia de Virilio (1996), o cronourbanismo de Ascher (1997) e a cronotopia de Lussault (2001) contribuíram para demonstrar que os fenômenos urbanos não podem ser compreendidos apenas por sua dimensão espacial, exigindo igualmente uma atenção às dinâmicas temporais que estruturam práticas sociais, deslocamentos, usos do território e formas de governança.

Apesar dos avanços tecnológicos e das promessas associadas à conectividade permanente, à automação e à inteligência artificial, o tempo permanece um recurso cada vez mais escasso, sobre o qual se projetam expectativas de liberdade, conforto e progresso social. Nesse cenário, emergem questões centrais para o urbanismo e o planejamento urbano: como responder aos conflitos entre temporalidades diversas? Como gestores públicos, agentes do mercado e cidadãos lidam com as pressões e restrições impostas pelo tempo? Seria possível conceber formas de planejamento capazes de dialogar com estilos de vida cada vez mais complexos e com demandas temporais frequentemente contraditórias?

Essas questões adquirem especial relevância quando consideradas à luz das políticas públicas urbanas. Estudos sobre escalas temporais, monitoramento de políticas, processos de mudança e avaliação de programas têm contribuído para renovar os debates teóricos e metodológicos acerca da influência do tempo e da história sobre a ação pública. Tais discussões remetem ao papel das temporalidades no planejamento e na implementação de políticas urbanas em contextos nos quais estratégias de governança, modelos de distribuição e agendas neoliberais se entrelaçam. As lacunas temporais entre promessas, decisões e resultados, bem como as descontinuidades nas relações entre Estado e organizações da sociedade civil, revelam-se elementos fundamentais para compreender os efeitos concretos das políticas urbanas.

Ao mesmo tempo, muitos dos conflitos que atravessam as cidades contemporâneas decorrem de interpretações divergentes acerca do tempo e de seus horizontes de expectativa. Disputas fundiárias coexistem com conflitos identitários, tensões relacionadas à segurança urbana e controvérsias sobre os usos legítimos do espaço. Em cada um desses casos, diferentes grupos sociais mobilizam temporalidades específicas para justificar reivindicações, construir memórias, projetar futuros ou defender permanências.

As mudanças climáticas ampliam ainda mais a complexidade dessas dinâmicas temporais. O aumento da frequência de inundações, processos de erosão costeira e eventos climáticos extremos afeta diretamente as infraestruturas urbanas, interrompendo fluxos, alterando rotinas e impondo novos ciclos de reconstrução e adaptação. Contudo, seus impactos distribuem-se de maneira desigual entre territórios e grupos sociais, aprofundando assimetrias temporais já existentes. Enquanto alguns atores dispõem de recursos para antecipar riscos e adaptar-se às mudanças, outros permanecem mais vulneráveis às rupturas e incertezas. A resiliência não é compreendida como crise ou ruptura, mas como processo contínuo de adaptação. Tal perspectiva permite reconsiderar criticamente categorias como fracasso, declínio e transformação, embora sua aplicação concreta e suas apropriações pelos diferentes atores urbanos demandem análises situadas e contextualizadas.

O dossiê trata deste conjunto de questões. Os artigos aqui reunidos evidenciam a centralidade das temporalidades para a compreensão das cidades e demonstram a vitalidade que o tema vem adquirindo nos estudos urbanos. Mais do que um campo específico de

investigação, as temporalidades constituem uma chave interpretativa capaz de articular história, projeto, planejamento, práticas sociais e experiências urbanas. Ao explorar diferentes objetos, escalas e perspectivas analíticas, os trabalhos que compõem este número revelam a riqueza e a complexidade das temporalidades cruzadas que moldam as cidades contemporâneas, contribuindo para ampliar o debate sobre os modos pelos quais passado, presente e futuro se entrelaçam na produção do espaço urbano.

Referências

- ASCHER, François. Du vivre juste à temps au chrono-urbanisme. *Les Annales de la Recherche Urbaine*, [s. l.], v. 77, n. 1, p. 112–122, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. 1a ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2021.
- BELL, Daniel A.; DE-SHALIT, Avner. *The Spirit of Cities: Why the Identity of a City Matters in a Global Age*. Revised edition. [S. l.]: Princeton University Press, 2013.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FERNANDES, José Alberto Rio; TRIGAL, Lorenzo López; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). *Dicionário de geografia aplicada: terminologia da análise, do planejamento e da gestão do território*. Porto: Porto Editora, 2016.
- HAN, Byung-Chul. *O Aroma do Tempo*. Lisboa: Relógio D'Água, 2016.
- HAN, Byung-Chul. *Vita contemplativa ou sobre a inatividade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presenteísmo e experiência do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. *Éléments de rythmanalyse: introduction à la connaissance des rythmes*. Paris: Syllepse, 1992.
- LEPETIT, Bernard; PUMAIN, Denise. *Temporalités urbaines*. Nouv. éd éditonned. Paris: Economica, 1999.
- LOWENTHAL, David. *The past is a Foreign Country*. 2 ed. Revisited. Cambridge: Cambridge University Press, 2015 (1ª edição: 1985).
- LUSSAULT, Michel. L'urbanisme de la chronotopie. *Cahier Millénaire*, v. 3, p. 67–69, 2001.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. 3 vol. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

ROSA, Hartmut. *Alienação e aceleração*. Por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna. Petrópolis/RJ: Vozes, 2022.

SANTOS, Milton. *A aceleração contemporânea: tempo-mundo e espaço-mundo*. São Paulo: Editora: HUCITEC/ ANPUR, 2002.

THIRFT, Nigel. *Non-Representational Theory: Space, Politics, Affect*. Routledge, 2007

VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.